

Título: Os pobres mineiros: um perfil da pobreza em Minas Gerais nos anos iniciais da república

Autor(es) Virna Ligia Fernandes Braga

E-mail para contato: virna.ligia@gmail.com

IES: FESJF

Palavra(s) Chave(s): Pobreza, Assistência, República, Pobres, Minas Gerais

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é a construção de um perfil do pobre, do assistido, na tentativa de descobrir quem era o indivíduo que necessitava dos serviços assistenciais: se branco, pardo ou negro, qual profissão exercia e qual a sua idade. Sabemos das dificuldades em se precisar características como a cor, por exemplo, em uma sociedade “altamente diversificada”, fator que acrescenta mais obstáculos em relação à identidade dos pobres. As fontes utilizadas são quadros de doentes indigentes, listas nominais de enfermos, de asilados e de órfãos, que são abundantes nos relatórios das instituições de socorro aos desvalidos em Minas Gerais, no início da República. A iniciativa de traçar um perfil dos desvalidos, assistidos ou pobres, perpassa pela compreensão de que o próprio conceito de pobreza é resultado de contextos específicos, capazes de modificar sua compreensão e significado. Antes da Revolução Industrial a pobreza fazia parte da “ordem natural” das coisas, tanto quanto a ajuda aos pobres. A caridade era um importante valor moral que permeava tal sociedade, orientada e distribuída de acordo com os preceitos da Igreja. Ao final do século XIX podemos observar a transformação do conceito de pobreza e, ainda, do campo da assistência: a responsabilidade moral cede espaço à responsabilidade social. Entre os séculos XVI e XIX, ocorreram mudanças econômicas, políticas e sociais que ressignificaram o conceito de pobreza, levando às teorizações sobre a pobreza e o processo de pauperização. Quem eram esses pobres? Qual o perfil dos indivíduos que recorriam à caridade alheia ou a ajuda do Estado? Conforme a análise realizada nesta pesquisa, a “questão social” no Brasil se agravou após a abolição da escravidão e das mudanças no mercado de trabalho, advindas do desenvolvimento capitalista. Houve uma reconfiguração social que não foi acompanhada de políticas públicas para inserção do negro recém-liberto no mercado de trabalho, este era considerado desqualificado até mesmo para o trabalho na lavoura. A vinda de imigrantes, muitas vezes, revelou-se problemática, já que muitos não viam correspondidas as expectativas criadas sobre as relações entre patrão e empregado em terras brasileiras. Nas cidades, as transformações no mercado de trabalho e a crescente segregação dos espaços públicos colocavam o indivíduo comum (branco, pardo ou negro) em situação de risco. Crianças, velhos, viúvas, doentes mentais e qualquer pessoa incapacitada para o trabalho, tiveram sua condição de vulnerabilidade ampliada. Sobre a sociedade do final do século XIX no Brasil, June Haner afirma que não havia uma homogeneidade ou uma identidade no que chamou de “classe média urbana”. Contudo, pertencer à classe alta ou média, significava desfrutar de posição social diferenciada, diante da “massa de população”. Médicos e advogados eram considerados da alta classe, geralmente eram filhos ou parentes pobres de grandes proprietários de terras e evitavam se misturar com o que o autor chamou de “classe média baixa”: professores primários, contadores, balconistas. Consequentemente, os integrantes desta classe média baixa se consideravam melhores que os operários e trabalhadores domésticos. De acordo com as informações coletadas nos quadros de doentes indigentes das instituições de auxílio, o pobre em Minas Gerais era predominantemente solteiro ou viúvo, sem família ou parentes próximos, e com baixa especialização profissional. As profissões citadas nos quadros estão, em sua quase totalidade, ligadas ao trabalho manual: lavrador, serviços domésticos, lavadeira, cocheiro, cozinheiro, pedreiro, jornaleiro. Deste modo, os quadros demonstram que os pobres mineiros do final do século XIX e início do século XX exerciam serviço braçal, geralmente com baixos salários, o que os deixava em situação vulnerável. A doença, quando os acometia, representava uma ameaça à sua frágil subsistência, encontravam auxílio nas instituições de socorro, que tratavam de boa parte dos desvalidos no período.